

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>A formação humana na perspectiva da psicologia historico-cultural</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Samantha Macedo Lima</b>	Universidade Estadual do Ceará	UECE	Mestranda
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Esta comunicação toma como base a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), desenvolvida pela tróica soviética, Vigostki, Luria e Leontiev, para discutir a formação humana na perspectiva marxista. Comumente a educação é tida como instrumento preparatório para vida adulta produtiva, estabelecendo normas de conduta, modos de operacionalização de tarefas. Tal formação deve somar-se ao talento individual, valorizado na esfera produtiva na forma de habilidades e comportamentos como iniciativa, flexibilidade, boa comunicação, criatividade, etc., que caracterizam o trabalhador de novo tipo, interesse do capital em formas adaptativas justificadas pela introdução de novas tecnologias decorrentes das novas formas de produção. Os estudos da PHC, acerca das funções psicológicas superiores contrariam as concepções inatistas, deterministas, predominantes no senso comum que reduz as potencialidades humanas ao psiquismo como causa final. Já que a formação do psiquismo humano se constitui como decorrência direta das condições objetivas de vida. Entendemos que a capacidade de criar, de comunicar ideias, raciocinar, etc., só pode existir enquanto resultado de um processo pleno de apropriação do conhecimento acumulado historicamente. O acesso às criações humanas (a linguagem, a escrita, os instrumentos, a ciência, etc.), instrumentaliza os indivíduos para atividades produtivas ricas de sentido. Contudo, na sociedade capitalista, o homem tem sido afastado da devida apropriação do conhecimento, acarretando implicações na (de)formação de um psiquismo e uma prática social afetos a sua formação, inviabilizando, o estabelecimento de um pensamento e uma consciência superior capaz de se contrapor à sociabilidade do capital.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Formação humana; trabalho; psicologia histórico-cultural			
ABSTRACT			
<p>This paper takes as basis Historic-Cultural Psychology (PHC), developed by the soviet troika, Vigotski, Luria and Leontiev, in order to discuss the human formation under the Marxian perspective. Education, generally, is taken as preparatory instrument towards productive adult life, establishing, moreover, rules of behavior, ways of task operationalization. This formation should be added to individual talent, valorized on the productive sphere into ways such as abilites and behaviorings like initiative, flexibility, good communication, creativity etc., which characterize the new type worker, who is capital's interest in adaptative forms justified by the introduction of new technologies elapsed of the new ways of production. The PHC studies, about the superior psychological functions contradict the innatist and determinist conceptions, prevailing on the common sense which reduces the human potentialities into psyche as final cause, inasmuch as the formation of human psyche consists as direct consequence of the objective conditions of life. We understand that the capacity of creating, communicating ideas, ratiocinating with agility etc. only can exist as result of an ample process of appropriation of the historically accumulated knowledge as well as result of the psyche development. The access of the human creations (the language, the writing, the instruments, the science etc.) provides the individuals of possibilities of carrying out productive activities rich in meaning. However, in the capitalistic society, the human being has been departed from the due appropriation of knowledge. This brings implications to a psyche (de)formation and to a social practice related to their superior psychological functions, impossibilitating the establishment of a way of thinking and of a superior consciousness able for counteracting the capitalistic sociability.</p>			
KEYWORDS			
Human formation; labor; historic-cultural psychology			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a formação humana			

## **A FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Esta comunicação toma como base a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), que tem como pilar a tríada soviética, Vigostki (1896 - 1934), Luria (1902 - 1977) e Leontiev (1903- 1979), para discutir a formação humana a partir dos fundamentos marxistas, enfatizando a retomada efetuada por Lukács do conceito marxiano de trabalho como o complexo que dá origem ao homem como ser social, contrariando as concepções inatistas do senso comum. É importante salientar, que a análise em questão, parte do pressuposto do materialismo histórico dialético, como método que concebe a sociedade enquanto aquela que, simultaneamente, tem sido criada pelo homem e tem criado o próprio homem. Nessa relação dialética o homem é ao mesmo tempo sujeito e objeto das relações sociais: é produto e produtor da sociedade. Todavia, em consequência da forma estruturante do atual modo de produção; o capitalismo, e sua essência alienante das relações sociais, a sociedade acaba por se apresentar aos indivíduos como uma força externa e estranha à qual eles devem se submeter e adaptar-se por imposição das circunstâncias.

Posto isso, comumente a educação é tida como instrumento preparatório para vida adulta produtiva, estabelecendo normas de conduta, modos de operacionalização de tarefas. Tal formação deve somar ao talento individual, valorizado na esfera produtiva na forma de habilidades e comportamentos tais como iniciativa, flexibilidade, boa comunicação, criatividade, etc., que caracterizam o trabalhador de novo tipo, interesse do Capital em formas adaptativas justificadas pela introdução de novas tecnologias decorrentes das novas formas de produção<sup>1</sup>.

Os estudos da Psicologia Histórico-Cultural, acerca do processo de humanização do homem e das funções psicológicas superiores contrariam as concepções inatistas, deterministas, biologizantes, predominantes no senso comum que reduz as potencialidades humanas ao psiquismo como causa final. Já que a formação do psiquismo humano se constitui como decorrência direta das condições objetivas de vida. Entendemos que a capacidade de criar, de comunicar ideias, desenvolvimento raciocinar com agilidade, etc., só pode existir enquanto resultado de um processo pleno de apropriação do conhecimento acumulado historicamente bem como do psiquismo. O acesso às criações humanas (a linguagem, a escrita, os instrumentos, a ciência, etc.), instrumentaliza os indivíduos para atividades produtivas ricas de sentido.

Contudo, na sociedade capitalista, o homem tem sido afastado da devida apropriação do conhecimento, acarretando implicações na (de)formação de um psiquismo e uma prática social afetos

---

<sup>1</sup> Falar sobre o modo de produção taylorismo/ fordismo e o novo perfil de trabalhador

às suas funções psicológicas superiores, inviabilizando, por esse prisma, o estabelecimento de um pensamento e uma consciência superior capaz de se contrapor à sociabilidade do capital

Compreender o processo de formação e humanização dos homens numa perspectiva marxista, De acordo com Duarte (2004), exige análise das diferenças entre atividade humana e atividade animal, ou seja, a caracterização daquilo que é próprio ao mundo construído historicamente pelos humanos.

Por esta via, individualidade biológica possa ter se constituído ao longo de milhares de centenas iniciaremos a nossa análise a partir da formação do complexo da (re)produção do ser social, o qual tem o trabalho como categoria que preconiza o salto da vida ao mundo dos homens, instaurando o caráter de distinção em relação as esferas inorgânica e orgânica. No que se refere a essas distintas formas de ser, Lukács (apud Lessa, 1996, p.16) anuncia a existência de três representações singulares que caracterizam a processualidade histórica do homem, quais sejam: “[...] a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo [...]”. Embora cada esfera se apresente distinta no plano ontológico, elas são ineliminavelmente articuladas, uma vez que a última esfera – a do ser social – demanda uma contínua troca com o natural – o que não quer dizer que haja uma dependência subjugada às leis biológicas.

A respeito da esfera do ser social, tem-se que sua de anos, resultado de um prolongado processo de evolução biológica e luta pela sobrevivência.

O exemplo disso é a existência de um tipo de raça de macacos antropomorfos, ancestral em comum ao homem, extraordinariamente desenvolvidos, com aspectos físicos diferenciados dos outros símios pela presença de barba, orelhas pontiagudas e formavam grupos de manadas. Esses símios, de acordo com Engels (2004), em consequência direta de seu gênero de vida, prescindiam que suas mãos realizassem funções cada vez mais variadas e distintas dos pés, o que representou um passo progressivo para aparta-se da marcha e adotar a posição ereta. Entretanto as extremidades superiores- as mãos, mantinha com o corpo uma correlativa formação, no qual o que beneficiava a mão beneficiava também todo o corpo servido por ela.

Por conseguinte, as habilidades desenvolvidas com o uso da mão como pegar, agarrar objetos da natureza, pelo movimento de pinça, permitiu que nossos antepassados pudessem conhecer as propriedades dos elementos da causalidade dada, desta maneira, puderam intervir intencionalmente nela, com o fabrico de instrumentos necessários a sua sobrevivência, a exemplo

do machado, de lanças, entre outros objetos que pudessem ser utilizados em determinação de sua existência, como na caça, na pesca e na luta. Tal evento representou um salto na vida dos homens, pois pelo uso e fabrico de ferramentas os homens puderam dominar o fogo, diversificar a sua alimentação, digerir mais rápido os alimentos, já que passavam pelo processo de cozer ou assar, além de representar vantagens nos momentos de escassez.

A diversidade alimentícia, com base no consumo de carne, trouxe ao organismo humano nutrientes, com substâncias fundamentais para seu desenvolvimento e, mediatamente, sua humanização. Do qual, o cérebro, foi o órgão que mais recebeu quantidade de substâncias necessárias ao seu desenvolvimento, por consequência foi se aprimorando, rapidamente, de geração em geração. Como bem evidencia Leontiev (1978, p.70):

[...] Se se compara o volume máximo do crânio nos símios antropóides e no homem primitivo, apercebemo-nos de que o cérebro deste último ultrapassa mais de duas vezes o dos símios mais evoluídos das espécies modernas (1400 contra 600 cm<sup>3</sup>).

O progressivo desenvolvimento da atividade social, atrelado à alimentação diversificada, exerceu forte influência na constituição do corpo de nossos antepassados tornando-os mais aprimorados, permitindo a “hominização do cérebro, dos órgãos da atividade externa, dos órgãos do sentido e da linguagem” (LEONTIEV, 1978, p.78.).

Destarte, o órgão da atividade externa, a mão, se estabeleceu como órgão principal da atividade do trabalho do homem e só pode atingir a sua perfeição graças ao próprio trabalho e unicamente por ele. Bem como, preleciona Engels (2004, p.14):

[...] unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas funções... cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu este alto grau de perfeição que pôde dar vida, como artes de magia, aos quadros de Rafael, as estátuas de Thorwaldsen, a música de Paganini.

A construção de ferramentas, pelo uso da mão, mesmo que de modo primitivo, constituiu uma forma embrionária de trabalho, todavia abriu os precedentes ao processo de autorreprodução humana. Tal processo Leontiev (1978) descreve por: [1] modificação progressiva para a postura ereta; [2] desenvolvimento fisiológico e anatômico da mão; [3] necessária vida em comunidades; [4] a existência de formas muito desenvolvidas de reflexo psíquico da realidade nos representantes superiores do mundo animal.

Assim, o aparecimento e o desenvolvimento do trabalho metamorfosearam não somente a aparência física do homem, sobretudo a sua organização fisiológica e psíquica, de tal maneira que “[...] o sentido do tacto tornou-se mais preciso, o olho humanizado é muito mais nas coisas que o olho da ave mais perscrutante, o ouvido tornou-se capaz de perceber as diferenças e as semelhanças mais ligeiras entre os sons da linguagem articulada do homem” (LEONTIEV, 1978, p.71-73).

Diante do exposto até aqui, podemos assegurar que o trabalho é a categoria fundante do mundo dos homens, pois através da prática social, foi possível o desenvolvimento de todos os complexos que nos tornaram genuinamente humanos, como sociabilidade, um psiquismo superior, a linguagem, a educação, entre outros que surgiram na proporção em que se incrementa as forças produtivas, e, por conseguinte, a sociedade se torna mais complexa, pondo em movimento a exigência de outras atividades que não especificamente aquelas voltadas à produção dos bens materiais. O que não significa dizer que há o distanciamento da natureza dessas atividades e sua função social sempre dependerá da natureza de dar respostas aos crescentes carecimentos humanos. Ademais, é oportuno dizer, que entre o trabalho e os outros complexos existe uma relação de dependência ontológica, de autonomia relativa e de determinação recíproca. Dependência ontológica porque todos os complexos surgiram a partir do trabalho. Autonomia relativa se dirige ao fato de que cada complexo cumpre uma função que não resulta automaticamente de sua relação com o trabalho. Determinação recíproca, pois todos os complexos, inclusive o trabalho, se relacionam entre si e se constituem mutuamente nesse processo. Portanto, a partir do trabalho surgem todos esses outros momentos da atividade social consciente.

A consciência do homem em sua originalidade teve seu impulso fundamental a partir da preparação de instrumentos de trabalho (LURIA, 1991). Consequentemente, ao realizar o trabalho, através da objetivação de instrumentos como, por exemplo, o machado, em que sua composição se realiza de paus e pedras, primeiramente teve que se imprimir na consciência do homem o conhecimento da natureza, através de uma relação articulada entre a teleologia, a qual, consiste em projetar de forma ideal e prévia a finalidade de uma ação e da realidade objetiva, e os processos causais dados na natureza. Em outras palavras, no processo de domínio da natureza, o homem pode refletir sobre as condições do meio de modo imediatamente mais profundo do que o animal. Ele pode abstrair a impressão superficial, e deste modo, “penetrar as conexões e dependências profundas das coisas, conhecer a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, tomar como orientação não impressões exteriores, porém leis mais profundas” (LURIA, 1991, p.72).

Por conseguinte, essas posições teológicas que regem as escolhas e a busca dos meios desencadeiam séries causais que põem em movimento sempre novas alternativas, as quais abrem caminho para o desenvolvimento da práxis social humana.

Entretanto, é importante lembrar que a produção da vida material, necessária a sobrevivência de nossos ancestrais, não é escolhida de forma livre, mas previamente determinada pelas circunstâncias que o levam a agir segundo as necessidades sociais. Portanto, embora o homem possa construir a sua história, não pode fazê-la nas condições ideais, tendo em vista que é um ser historicamente demarcado pelas condições resultantes das escolhas empreendidas pelo conjunto dos atos humanos individuais.

Desta forma, o ato teleológico não pode ser visto isoladamente, pois “nada existe fora das relações com a totalidade do ser [...] o ser é uma categoria cujo caráter de totalidade é ineliminável e tudo que existe o faz no interior (e em relação, portanto) dessa totalidade” (Lukács *apud* Lessa, 2005, p. 43).

Nesse sentido, o desenvolvimento da atividade vital livre e consciente articulou entre os membros da sociedade a necessidade de realizar a atividade de forma cada vez mais conjunta. Por consequência, os homens em formação chegaram a um ponto que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros.

A formação da linguagem, enquanto função psicológica superior, de acordo com, Luria (1991), em seus primórdios, estava entrelaçada diretamente com a atividade prática social, a partir da necessidade dos homens de se comunicarem, de designar objetos. O ato de comunicar-se se dava através de atos, gestos e sons que pudessem expressar devidamente o que se queria alcançar e para tal interpretação só era possível se houvesse o conhecimento do contexto da situação em que eles surgiam.

Foi preciso um grande tempo histórico, marcado por milênios, para que a linguagem se torna um complexo sistema de códigos independentes e só foi possível em relação conjunta com o trabalho, exercendo por seu turno, um fator fundamental na formação da consciência, pois a linguagem imprime ao menos três mudanças essenciais à atividade consciente do homem, a saber: a memória; abstração e generalização; veículo de transmissão de informação (Luria, 1991).

Através da *memória* o homem organiza esquemas mentais para lembrar, guardar informações que entende ser relevantes, além de acumulá-las para futuros processos de análises, do qual ele pode voltar ao passado e confrontar com os reflexos atuais. Já *abstração e a generalização* expressam complexas formas de pensamento, do qual no processo de criação mental o homem

projeta toda a sua ação, podendo criar a imagem da obra, prever os resultados, suas consequências antes de por em prática, enfatizando que esse processo mental não se desvincula dos elementos concretos. E ao objetivar sua abstração, ele pode *transmitir a informação* do processo de objetivação aos outros indivíduos, pelo uso da linguagem, permitindo a assimilação da experiência produzida ao longo da história, pela práxis. Essa transmissão de conhecimento, pela linguagem, fornece ao indivíduo a possibilidade de assimilar a experiência e por ela

[...] dominar o ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma, poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado. Isto significa que com o surgimento da linguagem surge no homem um tipo inteiramente novo de desenvolvimento psíquico desconhecido dos animais, e que a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência (LURIA, 1991, p.81).

Conforme prelecionado por Luria (1991) a linguagem exerce um papel imprescindível na construção do psiquismo humano, incidindo diretamente num dos complexos fundados pelo trabalho, a saber: a educação. Concordamos com o entendimento de Saviani (1995, p. 17), ao exprimir o sentido da atividade educativa em “[...] produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” – o que somente pode ocorrer, vale ressaltar, através da transmissão do patrimônio cultural produzido historicamente pela humanidade. O autor prossegue, assegurando, que o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro, e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo - essa forma diz Tonet (2007), a partir de Marx, vincular-se-ia essencialmente ao “trabalho associado” ou a “associação livre dos produtores livres”.

Ao educarem-se os homens se apropriam, em termos mais elaborados, do conhecimento produzido ao longo de muitos séculos de prática social, avançado qualitativamente para novas formas de produção material da vida. É sabido que o homem não é um ser biologicamente pré-determinado, que precisa apreender as formas que nos tornam originalmente humanas, isso ocorre porque o trabalho implica teleologia, isto é, uma atividade intencional prévia e a existência de alternativas. O que circunscreve a necessidade da educação como mediadora para o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, entre outros, que permitam ao indivíduo tornar-se membro participante do gênero humano.

Isso posto, somos direcionados a uma discussão sobre a concepção de formação humana na forma social do capital em seus elementos essenciais, forma esta combatida pelos autores da Psicologia Histórico-Cultural.

Portanto, tanto o trabalho quanto a educação, na sociedade contemporânea, regida pelo capital, encontram-se deformados de seu sentido ontológico, perpassados pela lógica da propriedade privada, da divisão social do trabalho, espírito mercantil, que incide diretamente na negação de toda forma de desenvolvimento pleno dos sentidos humanos, conforme delinea Mészáros em consonância com Marx ao analisar que:

[...] Se ‘a essência humana da natureza está, em primeiro lugar, para o homem social, a privatização inerente ao desenvolvimento capitalista deve significar que a natureza perde seu caráter humanizado, torna-se alheia ao homem. Os objetos com que se defronta o indivíduo isolado lhe parecem apenas com seus aspectos utilitários (por exemplo, valor comercial e não beleza mineralógica) e essa utilidade não é de uso humano-social, mas de uso limitadamente individual (MÉSZÁROS, 2006, p.182, destaques do autor).

Em contraponto a educação regida pelo capital, Tonet (2007, p.51), referenciado em Marx, recupera o revolucionário significado de formação humana integral “[...] como o acesso, por parte do indivíduo, aos bens materiais e espirituais necessários à sua autoconstrução como membro pleno do gênero humano, então formação integral implica em emancipação humana”. Tal formação se realizaria sobre uma forma de sociedade na qual todos os indivíduos possam ter acesso garantido ao patrimônio cultural produzido e acumulado historicamente, o que requer, necessariamente, um tipo de trabalho que tenha eliminado a exploração e a dominação do homem pelo homem.

No próximo ponto do capítulo discutiremos a função social que o trabalho e a educação assumem em decorrência da sociabilidade do capital em crise.

## **2.2 A crise estrutural do capital e as relações entre trabalho e educação**

### *2.2.1 Os pressupostos da crise estrutural*

Tendo apreendido as categorias trabalho e educação em sua dimensão ontológica, gênese e processualidade histórica, torna-se indispensável analisar como as referidas categorias se delineiam dentro da conjuntura da crise estrutural do capital. Para tanto, nosso estudo se decomporá de dois momentos: o primeiro consistirá na investigação dos elementos constitutivos da crise e as

estratégias utilizadas pelo capital para remediá-la, desvelando, mais especificamente, o significado dessas ações para a classe trabalhadora. Já o segundo momento, procuraremos, igualmente, realizar o exame sobre os rebatimentos da crise do capital na educação no contexto da reestruturação produtiva, evidenciando a instauração do paradigma da sociedade do conhecimento.

A crise que assola, hodiernamente, o sistema do capital não se configura, conforme Mészáros (2011), em mais uma crise cíclica do capitalismo, e sim numa crise estrutural do próprio sistema do capital, pois afeta todas as suas dimensões fundamentais, colocando, também, em questão a sua viabilidade como sistema reprodutivo social.

Em decorrência do fenômeno descrito acima, o sistema do capital procura saídas emergentes da situação aguda de crise interpondo-se na reorganização do processo produtivo, com a finalidade última, de recuperar taxas de lucro decrescentes, com sérias repercussões na materialidade e subjetividade da classe trabalhadora, acompanhada, ao mesmo tempo, de um conjunto de transformações nas diferentes esferas da sociedade, objetivando a manutenção da ordem do capital, enquanto sistema global dominante.

O capitalismo, no final da década de 1960 e início dos anos 1970 (fase de auge do fordismo/taylorismo e das políticas implementadas pelo keynesianismo), começou a dar sinais de um quadro crítico, denominado por Mészáros de *depressed continuum*, que pode ser evidenciado de acordo com Antunes (2002) pela: 1) queda da taxa de lucro - que foi resultado do aumento do preço da força de trabalho e conquistas das lutas sociais entre os anos de 1945 e 1960; 2) esgotamento do padrão taylorista-fordista de produção - com o aumento do desemprego estrutural houve uma retração do consumo; 3) hipertrofia da esfera financeira; maior concentração de capitais - na crise estrutural do capital, o capital financeiro é colocado como campo prioritário para a especulação, em uma nova fase do processo de internacionalização; 4) crise do *welfare state* ou do "Estado do bem-estar social" - representou uma crise fiscal do sistema capitalista e ainda uma necessidade de retração dos gastos públicos; e 5) incremento acentuado das privatizações - esse novo quadro crítico será composto de desregulamentações e flexibilização do processo produtivo, entre outros aspectos que se exprimem também nos mercados e na força de trabalho.

É com o esgotamento deste processo que se inicia uma reorganização dos processos produtivos, caracterizando-se pela inovação tecnológica e organizacional tendo como particularidades intrínsecas: a flexibilidade, a criatividade; a multifuncionalidade; polivalência; a participação; a cooperação e a qualificação, esta última, sendo colocada em patamar elevado, no quadro das exigências do novo tipo de trabalhador, exigências que perduram desde então.

Por isto, Mészáros (2009) assevera que estamos diante de uma crise que não se apresenta mais como cíclica, mas estrutural abrangendo o conjunto da humanidade, atingindo o trabalho através da precarização e a natureza pela crescente destruição. Ademais, elevando, sem precedentes, a subordinação do trabalho ao capital: reduzindo o homem a mera condição de força de trabalho e de mercado consumidor, subjulgando o valor de uso ao valor de troca e se apoderando do sobretrabalho na forma de mais-valia.

O sistema sociometabólico do capital é regido por uma legalidade destrutiva e *incontrolável*, portanto sujeita cegamente aos mesmos imperativos mercantis bens sociais como saúde, educação, arte, o qual sobrepõe, implacavelmente, tudo a seus próprios critérios de viabilidade - tomemos como exemplo prático, desde as menores unidades de seu “microcosmo” até as mais gigantescas empresas transnacionais, à qual tudo o mais, inclusive os seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua “viabilidade produtiva” sob o risco de perecer, caso não consiga se ajustar aos seus imperativos de estrutura globalmente dominante (Mészáros, 2009).

Entretanto, essa estrutura totalizante e globalizante apresenta limitações inerentes ao seu próprio sistema que se mostra na forma de contradições, que, ao longo da história, vem presenciando experiências mal sucedidas de superação desses limites, dadas as condições estruturais de subordinação do trabalho ao capital e a própria irreformabilidade do sistema.

Temos como exemplo histórico de tentativa de superar os limites sistêmicos do capital, o “Estado do bem-estar social”, que, conforme o autor não conseguiu soluções estruturais viáveis e sim uma hibridização do próprio sistema.

Os elementos indicativos dessa crise estrutural implicaram na implementação de um amplo processo de reestruturação produtiva, com o fim à recuperação do seu ciclo reprodutivo, haja vista que todo o processo de lutas entre capital e trabalho que eclodiram no auge dos anos 1960, não resultou numa alternativa radical ao modo de controle do metabolismo social do capital.

Nesse sentido, restava ao capital, como tentativa de superar esse momento de instabilidade, reestruturar o padrão produtivo fundamentado no taylorismo-fordismo, colocando em seu lugar novas formas de produção e de acumulação flexível que se diferenciam, em sua constituição, de acordo com Antunes (2001, p. 54) por: uma produção muito vinculada à demanda, sendo variada e heterogênea; trabalho operário organizado em equipes, com multivariada de funções; alteração da relação homem/máquina, um mesmo operário pode operar simultaneamente várias máquinas; baseada no princípio do *just in time*, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção; funcionamento segundo o sistema *kanban*, placas ou senhas de comando para reposição de peças e

de estoque; estrutura horizontalizada, na qual somente 25% da produção é realizada no interior da fábrica, sendo o restante transferido a terceiros através da subcontratação e da terceirização.

Portanto, todas essas transformações ocorridas no processo produtivo, por meio do toyotismo e das novas formas de acumulação flexível, ao mesmo tempo em que implicaram profundas transformações nas formas de organização da produção, desencadearam também o estabelecimento de um outro perfil de trabalhador, sob o imperativo da polivalência, em que o trabalhador fosse capaz de operar diversas máquinas ao mesmo tempo, com capacidade de autonomia de iniciativa e de renovação contínua de seus conhecimentos, não obstante, fosse capaz de analisar informações, de resolver problemas, de julgar, de pesquisar e de transferir aprendizagens, de trabalhar e conviver em grupos, enfim, um trabalhador disposto a aprender a aprender. Tais exigências compõem um quadro de habilidades cada vez mais específicas, especializadas e fragmentadas, justificadas pela introdução de novas tecnologias decorrentes das novas formas de produção.

Ademais, esse novo perfil de qualificação difundido para atender às necessidades e interesses do capital tem se firmado sobre o discurso da elevação cultural e de uma educação geral para todos. Noutros termos, seria hoje uma bandeira de luta do capital e uma possibilidade efetiva para toda a classe trabalhadora, configurando essa perspectiva como um avanço decorrente das novas formas de produção em relação aos modelos anteriores.

Todavia, dada a própria natureza contraditória do sistema, o discurso apregoado da elevação cultural vê-se negado na prática, por meio de reformas educacionais, que trazem como defesa a formação mínima e o esvaziado de conteúdo, implicando diretamente na indevida apropriação do material cultural desenvolvido pelo mundo homens que consiste em aproximar o homem de sua generidade.

Desta forma, podemos sintetizar que o capitalismo compreendeu, então, que seria mais lucrativo e mais simples subjugar as consciências dos trabalhadores de forma a atender aos seus imperativos, explorando a imaginação, a capacidade de cooperação, os dotes organizativos e todas as virtualidades de sua inteligência, ao invés de limitar-se a explorar apenas a força de trabalho muscular dos trabalhadores, limitando-os de qualquer iniciativa e mantendo-o enclausurados nos moldes estritos do taylorismo/fordismo.

É a partir dessa premissa que a educação ganha destaque acentuado, no sentido de ser responsável pela formação que, no plano do discurso, irá garantir aos trabalhadores um novo patamar social, caso sigam a risca o receituário das pedagogias do aprender a aprender.

## CONSIDERAÇÕES

As discussões até aqui efetivadas buscam fazer uma análise, o mais próximo possível do real, para compreender o processo de formação humana em sua essência. Sendo assim, a constituição do ser social é o ponto de partida desse estudo, considerando que as funções psicológicas superiores surgem na composição das relações historicamente produzidas pelo conjunto dos homens. Dessa forma, toda função psicológica superior é social. Vale dizer, tem um processo histórico de produção e existe como resultado das relações estabelecidas entre os seres humanos a partir do trabalho.

A Psicologia Histórico-Cultural, ao se fundamentar na categoria trabalho, nos marcos do materialismo histórico dialético contribui para o entendimento mais significativo da formação humana plena, bem como, para a crítica que oferece novos e diferentes instrumentos para o entendimento dos processos de tornar-se membro do gênero humano, e das deformações, fragmentação do psiquismo decorrentes das relações de produção do Capital.

Consideramos que o homem tem sido afastado da devida apropriação do conhecimento produzido e acumulado, que o implica na formação de seus psiquismos e seus desdobramentos para a prática social, inviabilizando o estabelecimento de um pensamento que se contraponha à sociabilidade do capital.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

DUARTE, newton. **Formação do indivíduo, consciência e alienação**: o ser humano na psicologia de A.N. Leontiev. In: Revista Cadernos Cedes. A psicologia de A.N. Leontiev e a educação na sociedade contemporânea. Campinas: edes, vol 24, n. 62, p.44-63. Abril 2004.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. (Org.). **A Dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

- LESSA, S. **A ontologia de Lukács**. Maceió: EDUFAL, 1996.
- LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LURIA, A.R. **Curso de Psicologia Geral**. Introdução Evolucionista à Psicologia. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A construção da mente**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.
- MÉSZÁROS, Istvan. **A Crise Estrutural do Capital**. Tradução de Francisco Raul Cornejo [et al.]. São Paulo: Boitempo Editorial. 2009a.
- \_\_\_\_\_. **Para Além do Capital**. Tradução Paulo Cezar Castanheira et al. São Paulo: Boitempo Editorial. 2009b
- \_\_\_\_\_. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: EDUFAL, 2007.
- VIGOTSKI, L. S, LURIA, A. R e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.